

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Atikum ARRMO17

Data: 01/05/92 Pg.: _____

Raça atikum vive sob o clima do medo

Violência envolve a tribo que luta contra os posseiros pela terra onde vive desde o século XIX

Roziane Fernandes

Uma velha cantiga indígena diz que "o atikum é o rei das matas". Na serra de Umã, município de Floresta, onde aquela tribo vive desde o século XIX, no entanto, esse poder tem que ser partilhado com posseiros e plantadores de maconha que imperam na região. A violência que circunda a rotina daqueles índios pode ser observada em várias situações. Da estrada que une Floresta ao distrito de Carnaubeira, mais próximo da serra, contam-se sete cruzeiros de mortes por emboscadas. A própria história recente do local ajuda no tom agressivo: em menos de dez anos, pelo menos dez pessoas foram assassinadas por causa de conflitos de terra. Para se viver bem em Floresta, os moradores devem saber até que ponto o que acontece por lá pode ser repassado a estranhos.

Os atikuns tentam se recuperar dos acontecimentos recentes que instalaram nas dezesseis aldeias um clima de medo absoluto. As mortes de índios envolvendo problemas fundiários e de cultivo de maconha suspendem um véu de meias verdades sobre a realidade daquele povo. Desde a morte do cacique Abdon Leandro da Silva por questão de plantio da erva em terras indígenas — ver matéria seguinte

— os índios torcem por dias mais calmos mesmo que isso signifique esquecer nomes e fatos que os prejudicaram.

O cacique Elzisionélio da Silva, que veio substituir Abdon, tem forma de trabalho completamente diferente do seu antecessor. Não quer assumir posição de confronto com posseiros e fazendeiros locais e vai tentar uma vaga na Câmara dos Vereadores de Carnaubeira (que passou a ser município) nas próximas eleições de outubro. Entre os brancos, e adotando a sua política, é que o cacique acredita estar bem mais preparado para resolver os problemas dos atikuns.

Na serra de Umã moram cerca de quatro mil índios em dez mil hectares. Essa área não é toda ocupada por eles porque muitos posseiros estão na região. Em 1989 uma equipe técnica da Funai tentou identificar o número total de invasores e quantos hectares estavam em suas mãos, mas ações violentas — com intenções

de assustar os técnicos — impediram que isso fosse possível. Pelos cálculos da instituição, os atikuns têm direito a 15.276 hectares.

A agressividade e o pouco valor que a vida humana significa para alguns naquela região chegaram a comprometer até a administração do posto da Funai, em Umã. Muitos funcionários se recusam a assumir o posto por causa da violência. O último chefe de posto que chegou para a tribo dos atikuns, Diógenes Vasconcelos, teve que subir a primeira vez a serra escoltado pela polícia. Não durou muito tempo no cargo porque não criou uma relação com os índios. Foi transferido para Roraima e sem seu lugar assumiu a professora da escola indígena Silvana Maria de Sá. Piadinhas — A interinidade de Silvana, porém, tem prazo certo para acabar. Co-

mo garantiu o cacique, e admitido por ela, o cargo de chefe de posto está novamente vago porque sua gratificação especial para a função não chegou nes-

ses últimos sete meses. "Além disso, os índios ficam soltando umas gracinhas que eu não consigo aguentar. Eles não respeitariam uma mulher no posto", disse Silvana, que é casada com um atikum.

Agora o problema da violência, os atikuns padecem dos mesmos males que a ingerência da Funai proporcionou às tribos indígenas pernambucanas. O carro da Funai, para qualquer eventualidade, está quebrado e só há oito meses a Funai liberou a compra de combustível. Sua agricultura também é ineficiente, enquanto exploração produtiva, porque as ferramentas são velhas e as sementes — sete qui-

los ao todo — não chegaram ainda. Como disse o cacique Elzisionélio, a última vez que um técnico agrícola da instituição apareceu por lá, para assessorar os atikuns, foi há quase cinco anos. "Quando as chuvas ajudam, a cultura vem mas se não, é fome na certa", afirmou.

As crianças sofrem de verminoses e diarreias constantes. A farmácia do posto é conhecida como "de enfeite" por não ter nada em suas prateleiras e armários. As escolas indígenas

estão paradas por falta de material escolar e merenda — que chegou há dois meses e não deu para uma semana devido à pouca quantidade de alimentos. "O material escolar, pelo o que eu sei, já chegou em Garanhuns", frisa Silvana Maria.

Aluguel — As muitas dificuldades dos atikuns são contornadas, às vezes, da maneira mais prejudicial possível para os índios. Os atikuns plantam milho, feijão, mandioca, fava, arroz e frutas quando o bom tempo dá um empurrão. Como a situação é de penúria para muitos agora, os índios estão "alugando" parcelas de terras atikuns para os brancos. No final, o lucro é dividido entre as duas partes. O cacique tem consciência do fato, mas assegura que é dessa forma que a miséria pode ser contornada entre tantos atikuns.

Cercados por plantações de maconha e sob a ameaça dos posseiros, os atikuns ainda esperam dias mais calmos



As crianças atikuns não recebem nenhum benefício e sofrem de verminoses e diarreias constantes

AZER00019 (cont.)

HISTÓRICO

Domínio ia do Ceará ao São Francisco

Os atikuns já foram senhores de uma extensa região que ia do sul do Ceará até as margens do rio São Francisco, entre os séculos XVII e XVIII. Com a chegada das primeiras missões colonizadoras do Nordeste, foram sucessivamente expulsos de terras onde tentavam se readaptar até chegarem, em 1819 à Serra de Umã, município de Floresta, onde estão até hoje.

A luta pela sobrevivência, associada à fragmentação dos costumes por força da catequização católica, fez com que quase toda a história dos atikuns fosse perdida. Apenas o Toré, de tradição indígena, é mantido pelos atikuns até hoje. Sempre às quartas-feiras e sábados, boa parte da tribo se reün-

ne para dançar em agradecimento a Tupan e aos "caboclos" — que pelo linguajar seriam os espíritos de antepassados.

O próprio pajé, Augusto de Oliveira, 43 anos, é um exemplo dos poucos referências que os índios possuem de sua religião passada. Não conhece a história do seu povo, pouco utiliza o conhecimento das plantas, como fazem os pajés de outras tribos indígenas. Foi mais escolhido por sua boa convivência com os demais atikuns do que pelos dotes místicos-qualidade fundamental para um pajé. Augusto de Oliveira, de fortes traços negros, foi escolhido para substituir o velho pajé, Alcino Rodrigues da Silva, de 75 anos, na-

quela função durante os últimos 25 anos.

Atrás do Judas — Ao mesmo tempo que os atikuns veneram seus antepassados no toré, eles acolhem com carinho algumas tradições católicas. A caça ao Judas durante a Semana Santa, é uma das brincadeiras mais concorridas entre os atikuns. O boneco não difere dos confeccionados na época, por várias crianças sertanejas: em cabaça e palha, vestidos com trapos. Todos devem oferecer comida ao Judas para que depois, um outro grupo tente roubar os alimentos recolhidos.

Sem passado — O desaparecimento de boa parte da cultura atikum foi rápido e brusco avaliando-se o espaço de tempo em que permaneceram mais ou menos protegidos enquanto povo. Enésia Bezerra, 56 anos, 11 filhos, lembra sem esforços as histórias contadas por sua mãe de suas bisavós "criados no dente de cachorro" (índios selvagens, sem contato com os brancos). "Até uma de nossas aldeias — ao todo 16 — tem o nome de Olho d'Água dos Padres porque nossos antepassados comeram um padre lá", admite.

Para Enésia mesmo com a pouca herança indígena que trazem hoje é importante manter a tribo coesa. "Mesmo que já a gente não lembre de muita coisa é importante prosseguir. Aqui é nossa terra e é onde vou morrer. Apesar de faltar até um pedaço de pato para cobrir uma criança de frio vamos lutar pela terra que nos dá a vida", acredita. Como diz a letra da música do toré atikum, os índios caminham pelas terras até hoje à procura da sua ciência e seus deuses renegados pela cultura branca.



Dançando toré, eles cantam os seus deuses renegados pela cultura branca



Silvana: "A merenda não deu para uma semana"



Elisionello: "Sem chuva, a fome é nossa certeza"